

PARA CONHECER A “LÍRICA” GREGA ARCAICA – EDIÇÃO 2021:
OS GÊNEROS POÉTICOS DA MÉLICA (LÍRICA), DA ELEGIA E DO JAMBO

Giuliana Ragusa (DLCV)

Nas últimas duas décadas, aproximadamente, foram em muito incrementados no contexto acadêmico brasileiro, os estudos dos gêneros poéticos que, em nomenclatura moderna e econômica – ainda que imprecisa –, são referidos em conjunto como “lírica”, em publicações, em grades curriculares e no mais. A imprecisão reside no fato de que esse nome dispõe, como de um objeto se trata-se, o que em verdade são três distintos, independentes e autônomos objetos: a poesia elegíaca, a poesia jâmbica e a poesia mélica. Das três, apenas a última poderia receber o nome de “lírica”, porque apenas como sinônimo daquele – termo mais antigo, derivado de *mélos* (“canção”) – se sustenta este que, derivado do instrumento essencial à *performance* da mélica, a *lýra*, só entra em circulação séculos depois do período em que os três gêneros poéticos viveram seu grande momento, em que se situam os poetas deles reconhecidos pelos antigos como os mais representativos: o arcaico (c. 800-480 a.C.). Mais especificamente, *lyrikḗ*, como outra designação para *melikḗ*, surge na época dos trabalhos de edição e cópia dos poetas do passado na famosa Biblioteca de Alexandria, sala do *Mousáion* (Museu) erguido pelo faraó Ptolomeu I, nos anos de 250 a.C., em plena era helenística (c. 323-31 a.C.). Lá, a elegia, o jambo e a mélica – que ganha nova designação – terão seus poetas compilados principalmente pelo trabalho do erudito Aristófanes de Bizâncio (c. 258-180 a.C.).

Consolidada estava neste momento a cultura da escrita, na qual a poesia dos períodos arcaico e de parte do período clássico (c. 480-323 a.C.), sobretudo nos anos da chamada *song culture* ou “cultura da canção”, na expressão de Herington (1985, p. 3) para os anos de c. 750 a 400 a.C., realizava-se como poesia de tradição eminentemente oral, numa Grécia de prevalente oralidade – como poesia de *performance* de variados gêneros para variados temas, linguagens, ritmos e metros, ocasiões e modos de apresentação. Dentre tais gêneros, ainda na era arcaica, destaca-se como o mais performático a mélica – a lírica de fato –, cuja definição básica é a da canção para *performance* acompanhada da lira, em canto solo ou coral, e, nesta modalidade, com dança e outros instrumentos de acompanhamento.

Modernamente, a mélica, junto à elegia e ao jambo, ganhou uma mesma rubrica, em movimento animado sobretudo pela analogia com a tripla divisão da literatura em épica, drama, lírica, que remonta a Goethe (séculos XVIII-XIX). Desses três o que tem a voz em 1ª pessoa do singular, tradicionalmente referida como “eu lírico”, é, por óbvio, a lírica. Estendo essa característica do gênero moderno de poesia à antiga poesia helênica, convencionou-se chamar de “lírica”, termo fortemente vinculado ao ideário romântico, os gêneros em que os poetas gregos usaram com frequência a mesma 1ª pessoa do singular. A sobrevalorização desse traço importou à leitura da elegia, do jambo e da mélica perspectivas e expectativas que lhes são estranhas, tanto porque estão imersas no Romantismo, quanto porque, emersas de uma cultura da escrita, perdem de vista aquilo que é próprio da poesia antiga e de sua natureza essencialmente oral, no mundo da “cultura da canção”, a saber: a composição por práticas tradicionais que articulam metro, matéria e adequação – os gêneros poéticos são discursos; o desempenho de funções pragmáticas na vida das comunidades; o caráter inerentemente público, pois só existe quando apresentada diante de uma audiência, em ocasiões que, do ponto de vista das mais institucionalizadas, são igualmente públicas, em maior ou menor grau. Refiro-me aos simpósios, para pequenos grupos nas casas aristocráticas ou, mais tarde, em cortes e grandes casas à frente dos governos das cidades (os simpósios palacianos), e aos festivais cívico-culturais que marcava os momentos importantes das vidas cotidianas das *póleis*.

Formaram-se em Alexandria, como reflexo da recepção dos poetas pelos antigos que precederam os eruditos que na Biblioteca trabalharam, os cânones dos gêneros poéticos, incluídos os da elegia, do jambo e da mélica. E que cada gênero tenha seus poetas e cânone é mais um indicativo de quão autônomos, independentes e jamais confundidos como um único objeto são a elegia, o jambo e a mélica, cujas composições, antes levadas aos ouvidos pela voz, tornaram-se palavras escritas em versos metrificadas, ficando, na nova designação como lírica da mélica, a memória de sua existência viva e concreta no passado, como canção.

Uma palavra ainda sobre a elegia e o jambo. Aquela não corresponde, na era arcaica, ao que o termo nos leva a pensar hoje – o lamento lutuoso; tal tema, aliás, só se verifica na antiga elegia a partir do período clássico, quando começa a ganhar força e a se tornar prevalente. O *corpus* dos elegíacos arcaicos apresenta-nos grande variedade de temas, tons, linguagens, com as linhas de força da exortação e da reflexão ético-moral não raro combinadas, tendo como critério de definição, o único elemento uniforme, o metro (o dístico elegíaco ou *elegeion*). Na *performance*, ao menos nos tempos mais

recuados, teria sido cantada com acompanhamento do aulo (*aulós*), instrumento de sopro; logo, à voz do cantor havia de se combinar a figura do aulista, o que consiste em formato bastante distinto dos gêneros poéticos vinculado ao cordófono famoso e de variados tipos que chamamos simplesmente lira.

Quanto ao jambo, será, na era arcaica, similarmente distinto do que veremos da era clássica em diante, porque terá maior variedade temática, ainda que com destaque para o que se tornará prevalente: a vituperação e a narrativa de cunho sexual, ambas podendo ser elaborada em linguagem vulgar, rebaixada, incompatível com as práticas da elegia e da mélica. Há um forte componente narrativo no jambo arcaico, marcado inclusive pela presença da fábula (*aînos*). Do ponto de vista da métrica – que, novamente, funciona, em meio à diversidade do *corpus* jâmbico arcaico, como elemento definidor –, o jambo comporta três possibilidades (trímetro jâmbico ou *iambeïon*, tetrâmetro trocaico e epodo), e do ponto de vista da *performance*, talvez tenha sido recitado, quando na métrica dos dois primeiros tipos referidos, e cantado com a lira, na métrica do terceiro tipo que, estrófica, combina maior variedade rítmica do que a métrica linear dos trímetros jâmbicos – que mais de perto vão se identificar ao gênero – e dos tetrâmetros trocaicos.

Concluo esta breve introdução apontando alguns dos desafios do estudo da elegia, do jambo e da mélica (a lírica de fato), que, se começam pela taxonomia, avançam pelas questões concernentes aos contextos, aos modos e condições de composição e de *performance*, à edição tardia, e chegam à acidentada transmissão até nós, que nos lega textos que consistem, na maioria dos casos, em fragmentos de graus variados de precariedade. E há ainda as leituras modernizantes, o pouco (ou quase nenhum) conhecimento específico sobre os poetas. São desafios que demandam abordagem e metodologia de trabalho específicas, e que são antes de mais nada estimulantes, na medida em que exigem empenho no estudo filológico, interdisciplinaridade de olhar, visão panorâmica dos poetas no correr dos séculos, exercício de rigor e prudência. Mas, como disse na versão anterior deste Guia, de 2017, mesmo na sua condição fragmentária, e mesmo cercadas de tantos desafios, as indestrutíveis vozes dos grandes poetas aguardam seus ouvintes, prontas a acolhê-los, oferecendo-lhes, generosas anfitriãs, o banquete imaterial da beleza indestrutível de seus versos que tantos séculos e tantas vicissitudes superaram.

BIBLIOGRAFIA

Eis, a seguir, a indicação de leituras de distintas características e níveis, com as quais o leitor interessado poderá conhecer melhor a elegia, o jambo, a mélica. Não se trata de lista exaustiva e, como desta vez, poderá ser sempre revista, ampliada, reduzida; e seus títulos são livros, capítulos de livros e artigos. Como no Guia de 2017, a versão anterior, privilegio títulos em português – leituras básicas e outras mais verticais –, mas não me restrinjo a eles. Mas procurei manter o cuidado de indicar aquilo que não exige a familiaridade com o grego antigo. E no caso das traduções, apenas são indicadas as realizadas em nossa língua portuguesa e nos anos mais recentes.

São mantidos, com relação à versão do Guia de 2017, muitas entradas e seus comentários, por vezes com modificações ou acréscimos pontuais, e as referências da bibliografia anglófona. Já no horizonte próximo deixo uma nova edição deste Guia, com mais entradas para a elegia e o jambo, ampliação da variedade bibliográfica para outras línguas modernas, e uma seção dedicada aos que, por trabalharem com a língua grega, poderão ter interesse na indicação dos tipos de obras aqui não incluídos – edições de autoridade, edições comentadas e afins.

ESTUDOS (E TRADUÇÕES)

A POESIA GREGA ARCAICA: NATUREZA, COMPOSIÇÃO, CIRCULAÇÃO

- **HERINGTON, John. *Poetry into drama. Early tragedy and the Greek poetic tradition*. Berkeley: University of California Press, 1985, pp. 3-40.**

No estudo de Herington, que busca compreender as tradições poéticas com as quais dialoga a tragédia ática vicejante no século V a.C., destaco toda a primeira parte (“Pretragic poetry in Greece, pp. 3-76), dedicada a: **i**) discutir a cultura em que a poesia arcaica existiu – a “cultura da canção” (*song culture*), a que me referi na abertura deste Guia, que vigora até c. 400 a.C., na qual a poesia, recitada ou cantada na, desempenha papel importante na vida das comunidades com que estabelece contínuo diálogo, pois preserva e difunde “ideias morais, políticas e sociais” (p. 3), como bem ressalta o helenista, mostrando um caráter pragmático próprio à sua natureza de poesia oral, tradicional e pública; **ii**) discutir a relação texto e (*re*)performance, pensando as edições

tardias em Alexandria, as edições pré-Alexandrinas, e as abordagens do drama na poesia pré-trágica; **iii**) tratar do mito e de outros grandes temas da poesia pré-trágica, e de sua elaboração.

- **KURKE, Leslie V. “The strangeness of ‘song culture’: archaic Greek poetry”.** In: **TAPLIN, O. (ed.). *Literature in the Greek world*. Oxford: University Press, 2001, pp. 40-69.**
- _____. “Archaic Greek poetry”. In: **SHAPIRO, H. A. (ed.). *The Cambridge companion to archaic Greece*. Cambridge: University Press, 2007, pp. 141-69.**

No primeiro texto, Kurke apresenta em síntese o que Herington (1985), citado acima, aprofunda, a saber, o que é a poesia na *song-culture* ou “cultura da canção”, como é a cultura da Grécia arcaica (800-480 a.C.) e do início da clássica (480-400 a.C.). O segundo é outro panorama do mesmo tipo, inserido numa obra que é ótima para o conhecimento introdutório do período arcaico.

“LÍRICA” (ACEPÇÃO MODERNA): ELEGIA, MÉLICA E JAMBO

- **ACHCAR, Francisco. “Lírica e lugar-comum”.** In: ***Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: Edusp, 1994, pp. 25-56.**

Esta obra de Achcar (Unicamp) é mais concentrada na poesia latina, mas o capítulo inicial faz boa discussão dos problemas teóricos e de nomenclatura da chamada “lírica” grega, abordando a natureza da poesia antiga (em contraste com a moderna), a influência da leitura romântico-hegeliana nos estudos da “lírica” grega antiga, o problema da 1ª pessoa do singular.

- **BUDELMANN, Felix. (ed.). *The Cambridge Companion to Greek lyric*. Cambridge: University Press, 2009.**

Trata-se do primeiro e aguardado *companion* da Cambridge à “lírica” grega – o termo é usado no sentido moderno, significando, portanto, obra sobre a poesia elegíaca, jâmbica, mélica (a lírica), principalmente, passando pelo epigrama e a canção popular.

De caráter bastante introdutório, razão pela qual o indico aqui, o *companion* é precedido por prefácio de Budelmann que discute o problema da nomenclatura (pp. xv-xvi) e por introdução aos gêneros mais importantes (elegia, jambo, mélica, epigrama), também de Budelmann (pp. 21-38). Em seguida, divide-se em três partes: a primeira, dedicada aos contextos e tópicos da poesia elegíaca, jâmbica e da mélica; a segunda, aos poetas e às tradições de cada gênero de relevo; a terceira, à recepção da elegia, do jambo e da mélica no mundo helenístico, em Roma e nos séculos após a Renascença até o XX. Destaco os capítulos de Antonio Aloni (“Elegy”, pp. 168-8), que ao gênero se tem dedicado; de Chris Carey (“Iambos”, pp. 149-67; “Genre, occasion and performance”, pp. 21-38), que faz boa apresentação do jambo e boa discussão sobre as condições em que se praticavam os gêneros da elegia, do jambo e da mélica arcaicos, bem como sobre a própria ideia de gênero, em se tratando de poesia antiga de tradição oral.

Ainda destaco o de Giovan B. D’Alessio (“Language and pragmatics”, pp. 114-29), voltado a questões básicas da composição e *performance*, ambas profundamente inter-relacionadas no caso dos gêneros de poesia arcaica – ele se centrando na mélica, na elegia e no jambo; o de Barbara Graziosi e Johannes Haubold (“Greek lyric and early Greek literary history”, pp. 95-113), sobre questões básicas que concernem à relação dos gêneros “líricos” (elegia, jambo e mélica) com os demais gêneros poéticos; o de Mark Griffith (“Greek lyric and the place of humans in the world”, pp. 72-94), sobre a relação dos gêneros “líricos” (elegia, jambo e mélica) com o pensamento grego arcaico, o pensamento mítico; e o de Eveline Krummen (“Alcman, Stesichorus and Ibycus”, pp. 189-203), que introduz a mélica desses três poetas.

- **SLINGS, Simon R. “The *I* in personal archaic lyric”. In: ____ (ed.). *The poet’s I in archaic Greek lyric*. Amsterdam: VU University Press, 1990, pp. 1-30.**

Essa se concentra cerradamente no recorrente problema da 1ª pessoa do singular, mais marcante na elegia, no jambo e na mélica (a), do que em outros gêneros do mesmo período (notadamente, a epopeia), fato que suscitou o biografismo entre antigos e modernos – movidos por razões distintas – e sua circularidade crítica viciosa, a leitura romântico-hegeliana, as leituras em chave modernizante dos estudos culturais, e assim por diante. Slings oferece em seu texto um bom panorama histórico do problema antes de abordá-lo; e ao enfrentá-lo, faz a essencial indagação sobre a validade da aplicação de teorias modernas da crítica literária – baseada justamente na literatura escrita para ser lida

e circular na forma impressa – para a “lírica” arcaica (termo que usa no sentido moderno, abrangendo elegia, jambo, mélica), de natureza oral na circulação – destinada à *performance* – e nas técnicas de composição, baseadas fundamentalmente na oralidade e na tradição dos gêneros. A poesia é experiência estética, sem dúvida, distinta da comunicação ordinária, mas em condições muito diferentes estão o ouvinte no mundo da “cultura da canção”, da poesia tradicional e pragmática, e no mundo da escrita. Essa diferença crucial, sumariamente e introdutoriamente ressaltada em Achcar (indicado neste Guia), é por Slings discutida de modo aprofundado, ainda que conciso, e acessível.

- **CORRÊA, Paula da C. *Armas e varões: a guerra na lírica de Arquíloco*. 2ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.**

O livro se concentra no poeta elegíaco e jâmbico mais antigo do *corpus* de poesia grega arcaica, e é leitura essencial e densa. Paula Corrêa (USP), especialista na área, além de traduzir e analisar detidamente, com rigor filológico notável, o conjunto de elegias e jambos abarcados no seu estudo centrado na guerra, movimentando elementos de dimensão histórico-social, econômica e filosófica, por assim dizer, com plena consciência da natureza fragmentária de seu objeto, e, portanto, das consequências disso resultantes.

Para o leitor interessado em dar um passo adiante na introdução à poesia de Arquíloco e, em verdade, à “lírica” grega arcaica, mais amplamente, destaco os capítulos iniciais – o breve “A fortuna crítica de Arquíloco de Paros na Antiguidade” (pp. 21-9) e “Homero e Arquíloco: leituras modernas da Grécia arcaica” (pp. 31-71). O primeiro apresenta o poeta e os problemas em que se enreda sua figura, enfocando sua recepção entre antigos. Bem mais longo, o segundo mergulha fundo nos problemas teóricos e de denominação da “lírica” grega, a partir da comparação entre os poetas nomeados no seu título – da relação complexa entre épica e “lírica” –, com ênfase na influência romântico-hegeliana, na questão da 1ª pessoa do singular, no biografismo, nas leituras modernizantes – seus perigos e equívocos.

Em sua segunda edição (2009), o livro, primeiramente publicado em 1998, traz em apêndice a tradução e comentário básico da “Elegia do Télefo”, um dos mais recentes fragmentos de Arquíloco, descoberto em 2004.

MÉLICA – A LÍRICA (ACEPÇÃO ANTIGA)

- **SEGAL, Charles.** “Archaic choral lyric”; “Choral lyric in the fifth century”. In: **EASTERLING, P. E.; KNOX, B.W. (eds.).** *The Cambridge history of classical literature – I: Greek literature.* Cambridge: University Press, 1990, pp. 165-201 e 222-44.

Os dois capítulos de Segal tratam da mélica na modalidade coral, tanto em sua fase mais arcaica, quanto em sua fase tardo-arcaica, na qual apresenta mudanças significativas, ligadas a mudanças contextuais no mundo grego, nas dimensões política, cultural, econômica. Segal aborda os poetas do cânone: Alcman, Estesícoro, Simônides, Baquílides e Píndaro.

- **GUERRERO, Gustavo.** *Teorías de la lírica.* México: Fondo de Cultura Económica, 1998.

O capítulo “De una antigua herencia”, que abre o livro, é ensaio de fôlego que aborda a “lírica” (mélica) grega antiga e alguns de seus problemas centrais: o estado material do *corpus*, em geral marcado pela precariedade; a falta de teorias antigas remanescentes; o problema de designação e de definição do objeto; a mélica em Platão e Aristóteles; a edição na era helenística, na Biblioteca de Alexandria. Trata-se de discussão feita com propriedade e clareza, que funciona como ótima introdução mais densa à mélica grega.

- **MOST, Glenn W.** “Greek lyric poets”. In: **LUCE, T. J. (ed.).** *Ancient writers: Greece and Rome.* New York: Charles Scribner’s Sons, 1982, pp. 75-98.

O capítulo de Most é das mais consistentes realizações em termos de textos introdutórios à “lírica” grega antiga. Conciso, denso e acessível, o texto aborda os problemas teóricos e de nomenclatura da chamada “lírica” grega, centrando-se no sentido antigo do termo – logo, no gênero da mélica ou da lírica propriamente dita, a canção. Most discute então a influência do Romantismo hegeliano na fortuna crítica do gênero, a questão da 1ª pessoa do singular, as leituras biografistas e modernizantes, a composição mélica em seus aspectos mais relevantes de metro, matéria e adequação (modo e contexto de *performance*), sua transmissão e sua edição na Biblioteca de Alexandria.

No decorrer desse percurso, apresenta os poetas que formam o cânone dos *ennéa lyrikoí*, como passam a ser chamados a partir dos trabalhos de eruditos naquela célebre biblioteca: Álcman, Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquilides, Píndaro – poetas que cobrem a faixa temporal de fins de 600 aos 440 a.C., e se espelham pela cartografia grega, continente, ilhas e colônias incluídos, provindo dos mundos dórico, lésvio-eólico e ático-jônico.

- **RAGUSA, Giuliana. *Fragmentos de uma deusa: representação de Afrodite na lírica de Safo*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005. (Apoio: Fapesp)**
- **_____. *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. (apoio: Fapesp)**

Livros de leituras densas – elaborados, respectivamente, a partir da dissertação de mestrado e da tese de doutorado (USP) –, com diálogo constante com a bibliografia especializada, ambos trazem traduções de diversos fragmentos de poesia mélica (ou lírica), destacadas em apêndices. Tais fragmentos são objeto de comentário filológico detido, centrado no tema da representação de Afrodite e, portanto, do erotismo, em perspectiva que jamais perde de vista o caráter fragmentário das composições, que movimentam saberes colhidos na história e nos cultos, pertinentes às discussões, e que busca colocar a mélica em diálogo com os demais gêneros poéticos sérios das eras arcaica e clássica.

Destaco em *Fragmentos de uma deusa* a “Introdução” (pp. 17-20) e o capítulo “A lírica grega arcaica e Safo” (pp. 23-53). Aquela discorre brevemente sobre as dificuldades de estudar a chamada “lírica” grega, e de lidar com fragmentos. Este, sobre os problemas de abordagem teórica da “lírica” (ou mélica) de Safo, sobretudo da influência do Romantismo e dos estudos de gênero. Chamo a atenção ainda para o capítulo “A mulher e a sexualidade na Grécia arcaica” (pp. 55-78), que discute os problemas suscitados pela condição de Safo como poeta mulher – a única na era arcaica – da ilha de Lesbos.

Em *Lira, mito erotismo*, destaco o capítulo “Enredos de um objeto: em torno da mélica grega arcaica” (pp. 23-53), que trata dos problemas teóricos e de nomenclatura do gênero; e “Cinco poetas e seus enredos” (pp. 55-97), que apresenta e discute o grupo de poetas mélicos (líricos) envolvidos no trabalho – Álcman, Alceu, Estesícoro, Íbico e Anacreonte –, considerando as práticas poéticas de cada um e seus contextos, a edição de

seus *corpora*, a recepção de suas canções entre antigos e modernos, as questões mais relevantes ou ora em evidência na fortuna crítica.

- **BRUNHARA, Rafael. “Gregos arcaicos e subjetividade romântica”. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, fase ix, ano iii, n. 105, 2020, pp. 117-26.**
https://www.academia.edu/47713698/Gregos_arcaicos_e_subjetividade_rom%C3%A2ntica

Texto que discute de modo mais introdutório o problema da influente visão romântica nos estudos da poesia grega arcaica e da mélica, em particular – tema aprofundado especialmente em Most (1982), referido acima.

- **SWIFT, Laura A. *The hidden chorus*. Oxford: University Press, 2010.**

Voltado à discussão da relação entre a tradição arcaica de mélica (ou lírica) na modalidade de *performance* coral e as canções corais da tragédia ateniense do século V a.C., o livro de Swift traz no capítulo “Understanding lyric genres” (pp. 1-34) uma clara, bem feita e atualizada discussão dos gêneros poéticos “líricos”, isto é, das espécies de poesia mélica (a lírica propriamente dita, a canção), e, decerto, da própria ideia de gênero poético no universo da poesia grega arcaica e clássica, de tradição oral. Nesse sentido, é leitura que se soma ao capítulo sobre gênero, ocasião e *performance* poética de Carey, no *companion* de Budelmann (2009), aqui indicado. Swift, como aquele helenista, ressalta a impossibilidade de definições precisas e rígidas, dados os *corpora* dos poetas, precários em graus de intensidade variados, de volume em geral reduzido, a não sobrevivência de obras antigas teóricas sobre a mélica e seus poetas – obras perdidas, mas havidas e sabidas, e sobretudo a própria natureza dos gêneros poéticos gregos antigos em geral, e da mélica, especificamente, pois não estamos diante de gêneros a serem vistos como “artifícios literários”, mas de gêneros “incrustados em contexto ritual e performativo” (Swift, p. 14). Gêneros que, notadamente no caso da mélica, a poesia mais performática da era arcaica, desempenham junto às comunidades funções precisas estranhas a gêneros que sejam “puramente literários” (Swift, p. 15), como a celebração da vitória (*nikē*) atlética (epinício), a celebração da boda, do enlace dos noivos sobre o tálamo nupcial (epitalâmio, “canção sobre o tálamo”), a celebração fúnebre (treno), a celebração das virgens (*parthénoi*) e sua exposição como esposas em potencial (partênio), canção de sedução de meninos (*paîdes*) por adultos simposiastas (*paidiká*), e tantas outras espécies

mélicas cuja composição, do ponto de vista interno, está intrinsecamente ligada à sua circulação na *performance*, do ponto de vista externo.

Vale a leitura das apresentações das espécies de mélica que em seguida estuda em sua incorporação na tragédia: peã, epinício, partênio, himeneu (epitalâmio), treno.

- **ATHANASSAKI, Lucia; BOWIE, Ewen (eds.). *Archaic and classical choral song. Performance, politics, and dissemination*. Berlin: de Gruyter, 2011.**

A obra reúne vários especialistas e abarca a tripla dimensão da mélica na modalidade coral, passando por várias de suas espécies em vários poetas, inclusive contemplando a influência posterior do gênero poético, para além do período clássico, bem como resgatando em Homero e na sua poesia épica hexamétrica as suas ressonâncias.

- **CAZZATO, Vanessa; LARDINOIS, André (eds.) *The look of lyric: Greek song and the visual. Studies in archaic and classical Greek song, vol. 1*. Leiden: Brill, 2016. <https://brill.com/view/title/32802>**

A obra reúne vários especialistas e abarca vários poetas, temas e formas da mélica grega arcaica, com ênfase no tema do enlace entre canção e visualidade.

- **BUDELMANN, Felix; PHILLIPS, Tom (eds.). *Textual events. Performance and the lyric in early Greece*. Oxford: University Press, 2018.**

A obra reúne especialistas que, de modo aprofundado, abordam vários aspectos da mélica, no sentido da tendência atual de resgate da atenção à textualidade das canções, numa espécie de movimento de retorno à percepção mais corrente nos estudos que antecederam a febre da *performance*, sobretudo a partir dos anos de 1980. Aquela percepção, ainda que ciente de que a mélica é poesia de *performance* em essência, olhava para as composições como se fossem da poesia moderna, escrita, lida, e delas ofereciam um olhar especialmente atento ao que chamaríamos *artistry*, ou artisticidade, por assim dizer, de modo a incrementar a apreciação das características formais, revalorizando o estudo do texto mélico, de um modo que busca olhar para a poesia das canções, sem descartar ou tirar importância do “paradigma antropológico” (B&P, p. 5), e abrindo espaço para a exploração de “modos de falar sobre a lírica [mélica] grega arcaica que façam justiça ao que séculos posteriores chamariam suas qualidades ‘literárias’ (...),

fazendo justiça ao mesmo tempo às multifacetadas maneiras pelas quais a lírica [métrica] grega interage com seus arredores” (B&P, p. 2).

ELEGIA

- **BARRON, John P. et alii. “Elegy and iambus”. In: EASTERLING, P. E.; KNOX, B. M. W. (eds.). *The Cambridge History of classical literature. Volume I: Greek literature*. Cambridge: University Press, 1990, pp. 117-64.**

Barron, Easterling e Knox juntam-se no capítulo que oferece uma visão introdutória dos dois gêneros e de seus principais poetas.

- **BOWIE, Ewen L. “Early Greek elegy, symposium and public festival”. *Journal of Hellenic Studies* 106, 1986, pp. 13-35.**

O artigo de Bowie sobre a elegia é muito importante para a discussão do contexto de *performance* do gênero na era arcaica, argumento pelo simpósio como ocasião primordial da poesia elegíaca, salvo pelas mais longas e de caráter histórico, destinadas à *performance* nos festivais cívico-cultuais das *póleis* gregas. É leitura mais densa do que introdutória, e, nela, os termos gregos são transliterados e traduzidos, em geral.

- **BRUNHARA, Rafael. *As elegias de Tirteu. Poesia e performance na Esparta arcaica*. São Paulo: Humanitas, 2014.**

Brunhara (UFRGS) tem se dedicado ao estudo da elegia arcaica, notadamente a marcial de Tirteu (ativo em *c.* 650 a.C. em Esparta) e mais recentemente, em seu doutorado, a simposial de Teógnis (ativo em *c.* 550 a.C. em Mégara) e da coletânea de elegias compostas à sua maneira (*Teognideia*).

A introdução do livro acima indicado, basicamente sua dissertação de mestrado (FFLCH/USP), traz uma discussão bem feita sobre a elegia, em diálogo com bibliografia especializada. Termos gregos são transliterados e traduzidos, em geral. Os fragmentos da poesia elegíaca de Tirteu são estudados de modo claro e consistente, e o autor realiza traduções cuidadosas do poeta espartano.

- **BOEDEKER, D.; SIDER, D. (eds.). *The new Simonides. Contexts of praise and desire*. Oxford: University Press, 2001**

Centrado no poeta do cânone mélico, Simônides, mas que também foi reconhecido pelas elegias que compôs – sinal da conhecida versatilidade dos poetas antigos, que na transmissão se perde aos nossos olhos –, o livro reúne vários especialistas para discutir as elegias papiráceas que vieram à tona nos anos de 1996, e que se ligam às Guerras Pérsicas, notadamente, à Batalha de Plateia. Desse modo, permite pensar o gênero em sua abrangência de elementos não nítidos no *corpus* dos poetas mais arcaicos, como o do lamento.

- **IRWIN, E. *Solon and early Greek poetry. The politics of exhortation*. Cambridge: University Press, 2005.**

Centrado no poeta ateniense, talvez mais conhecido pela atuação política como arconte, o livro apresenta um importante estudo de sua poesia elegíaca e, nela, deste que é um dos traços mais marcantes: o da exortação.

- **SWIFT, Laura A; CAREY, Chris (eds.). *Iambus and elegy. New approaches*. Oxford: University Press, 2016.**

Os editores dessa obra que reúne colaboradores especializados, que têm publicado constantemente sobre um ou outro ou ambos a elegia e o jambo, oferecem uma discussão atualizada de sua *performance*, da definição desses gêneros poéticos e de suas tradições, de suas relações com outros gêneros e linguagens (a epopeia, a narrativa mítica, o erotismo) poéticos, e, finalmente, de suas recepções na antiguidade.

JAMBO Além dos títulos que abrem e encerram as indicações para a elegia, indico:

- **BOWIE, Ewen. L. _____. “Early Greek iambic poetry: the importance of narrative”. In: CAVARZERE, A. *et alii* (orgs). *Iambic ideas*. New York: Rowman & Littlefield, 2001, pp. 1-27.**

O capítulo de Bowie sobre o jambo arcaico, por sua vez, é também de relevância inquestionável, pois, na discussão sobre a problemática definição do gênero, chama a atenção, como não havia sido antes feito, para a força da narrativa como elemento de composição jâmbica. É leitura mais densa do que introdutória.

- **CORRÊA, Paula da C. *Um bestiário arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010. (apoio: Fapesp)**

Dedicado à poesia jâmbica de Arquíloco, a qual corresponde à maioria absoluta de fragmentos de seu *corpus* que conta com bem poucos elegias (são menos de 20, contra mais de 270 jambos), o livro concerne ao gênero jâmbico no que concerne a um de seus elementos notáveis, discutido na “Introdução” (pp. 17-44): a tradição da fábula (*aînos*), vista por Corrêa, autora do já comentado *Armas e varões* – que estuda elegias e também jambos –, na Grécia antiga e nos diversos gêneros de distintos registros em que se acha. Gêneros como a elevada tragédia de Ésquilo, a poesia didático-sapiencial dos *Trabalhos e dias*, de Hesíodo, de médio registro, e o jambo de registro baixo de Arquíloco.

Ademais, Correia discute a famosa saga de Licambes e suas filhas (Neobula e a “irmã mais nova”), vítimas do poeta vituperador do jambo – saga esta lembrada também na abertura de *Armas e varões*, pelo impacto na recepção de Arquíloco e na própria percepção sobre o gênero, entre antigos e modernos.

TRADUÇÕES RECENTES – DE 2010 A 2021

VÁRIOS POETAS

- **ANTUNES, C. L. B. (trad.). *Ritmo e sonoridade na poesia grega antiga: uma tradução comentada de 23 poemas*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2011.**

Baseado quase que integralmente em sua dissertação de mestrado (USP), o livro de Antunes (UFRGS), que vem se dedicando à tradução poética com ênfase na dimensão musical da poesia antiga, oferece ao leitor uma seleção – pautada sobretudo pela “afinidade pessoal com os poemas” (p. 29) – de fragmentos elegíacos, jâmbicos e mélicos traduzidos, e explicação dos procedimentos adotados no empenho de “fazer uma tradução poética (...) que, com sorte, um dia talvez possa ser musicada junto com os originais por alguém com maior competência musical” (p. 26). A preocupação do estudioso e tradutor revela-se na organização dos poetas e fragmentos em blocos pensados pelo critério métrico – logo, rítmico. Estão contemplados Tirteu, Arquíloco, Sólon Mimnermo, Teógnis, Safo, Semônides, Anacreonte, Píndaro.

- **RAGUSA, Giuliana. (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.**

A antologia foi feita para o leitor interessado não necessariamente especializado, e se beneficia particularmente do estudo aprofundado *Lira, mito e erotismo* (2010). É leitura mais condensada, e ademais atualizada.

Traduções com notas e comentários são precedidas pelas apresentações individuais de cada um dos nove poetas canônicos da mélica (a lírica de fato) arcaica: Alcman, Safo, Alceu, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Simônides, Baquilides e Píndaro.

A antologia traz bibliografia enxuta e capítulo de abertura sobre o gênero poético da mélica e os poetas neles contemplados, o contexto histórico-social em que se situam, e sua transmissão até nós: “Mélica grega arcaica” (pp. 11-35).

- **VIEIRA, Trajano (trad.). *Lírica grega hoje*. São Paulo: Perspectiva, 2017.**

Essa antologia usa o termo “lírica” em sentido moderno, pois, contemplando fragmentos de poetas elegíacos, jâmbicos e mélicos, propõe-se à sua tradução poética, como explica a introdução, em que discute as diferenças entre essa linha de trabalho e a prevalente tradução acadêmica. Ao voltar-se à “lírica”, Vieira (UNICAMP), que já publicou a tradução de diversas tragédias gregas, de algumas comédias e da *Odisseia*, propõe uma prática que busca revelar, nos versos traduzidos para nossa língua, “algo do sabor presente nos originais” (p. 27). Os fragmentos não são comentados ou anotados, e não são, como é usual, identificados pela numeração. Os poetas da antologia são Arquíloco, Simônides, Mimnermo, Alcman, Alceu, Safo, Estesícoro, Íbico, Anacreonte, Hipônax, Simônides.

- **RAGUSA, Giuliana; BRUNHARA, Rafael. (org., trad., comentário, notas). *Elegia grega arcaica: uma antologia*. São Paulo: Ateliê, no prelo (2021).**

Essa antologia bilíngue, prestes a ser publicada, é feita para o leitor interessado não necessariamente especializado, em parceria de Ragusa e Brunhara que se dedicam ao gênero para o qual não há recente obra que oferece traduções de seus poetas e de parte de seus *corpora*. Cada um dos elegíacos é apresentado, e seus fragmentos, traduzidos e anotados, uns por Brunhara, outros, por Ragusa, mas sempre de modo colaborativo entre ambos em todas as tarefas envolvidas no trabalho. À bibliografia que decerto orientará os interessados soma-se, ainda, uma cuidadosa introdução sobre a poesia elegíaca.

ALGUNS POETAS EXCLUSIVAMENTE CONTEMPLADOS

- **JESUS, Carlos A. M. de (trad., introd., coment.). *Baquílides. Odes e fragmentos*. Coimbra, São Paulo: Imprensa da Universidade de Coimbra, Annablume, 2010.**
<https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/31798/6/Odes%20e%20Fragmento.pdf>

Trata-se da tradução integral do poeta mélico da era tardo-arcaica, acompanhada de notas e de boa e breve introdução, feitas por Jesus, que tem se dedicado à tradução de poesia grega em diversos gêneros. A obra não é bilíngue.

- **GONTIJO, G. (org., trad.). *Safo. Fragmentos completos*. São Paulo: Editora 34, 2017.**

Trata-se de trabalho de tradução rítmica-poética de toda a mélica de Safo, incluindo os fragmentos ilegíveis, em edição bilíngue, que arrola, ademais, testemunhos antigos sobre a poeta, e admite os fragmentos de incerta autoria entre Safo e Alceu, seu contemporâneo em Lesbos). No que concerne a estes elementos e à edição dos fragmentos, segue de perto, como indica, a edição bilíngue de David Campbell, *Greek lyric I – Sappho and Alcaeus* (1994), da Harvard University Press (Loeb House). Há um apêndice sobre os metros praticados por Safo. E a breve introdução explica os objetivos do latinista Gontijo (UFPR), e busca situar sua obra no cenário brasileiro de traduções da poeta.

As traduções são acompanhadas de notas, algumas só indicando as fontes dos fragmentos, outras sobre os textos gregos e as opções de tradução, outras, acompanhando a referida edição de Campbell.

- **ONELLEY, Glória B.; PEÇANHA, Shirley (introd., trad., notas). *As Odes olímpicas de Píndaro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.**

Essa antologia de Onelley (UFRJ) e de Peçanha (UFRJ) é dedicada aos epinícios de Píndaro, sus canções de celebração de vitória atlética, nos Jogos em Olímpia, no templo de Zeus e na competição do festival a ele dedicado. As traduções são acompanhadas de notas de amparo à leitura, e precedidas por uma introdução a mélica (lírica) e o último de seus grandes poetas.

- **ROCHA, R. (org., trad.). *Píndaro. Epinícios e fragmentos*. Curitiba: Kotter, 2018.**

Trata-se da tradução integral do poeta mélico da era tardo-arcaica, acompanhada de notas e de boa e breve introdução, feitas por Rocha (UFPR), que tem se dedicado à tradução e ao estudo de poesia grega antiga, em diversos gêneros, e da música grega antiga. A obra não é bilíngue.

- **RAGUSA, Giuliana (org., trad.). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª edição, revista, ampliada, atualizada, bilíngue. São Paulo: Hedra, 2021.**

A antologia, cuja primeira edição é de 2011, foi feita para o leitor interessado não necessariamente especializado, e se beneficiam do estudo aprofundado *Fragments de uma deusa* (2005), bem como de todos os outros acumulados no correr dos anos. Assim como *Lira grega* (2013) – coletânea dos nove mélicos arcaicos do cânone –, a antologia é mais condensada e, na segunda edição, vem atualizada, revisada, e em formato bilíngue, com acréscimo de fragmentos traduzidos, incremento de comentários que os acompanham, arranjo temático dos fragmentos redesenhado, e texto grego das canções. A bibliografia enxuta traz novas entradas da 2ª edição, e o foi revisado e atualizado o capítulo “Introdução: Safo revisitada” (pp. 13-68), falando da poeta, do gênero poético, de seu mundo, de outras poetisas mulheres e de sua transmissão. Capítulo, diga-se, precedido por nota à 2ª edição, que apresenta o novo livro.